

Revista ADVENTISTA

FEVEREIRO - 1998

O Salvador
Bate à Tua
Porta

Vale a Pena
o Amanhã?

O Segredo da Vida Vitoriosa

Convite

No bulício repetido, de passos apressados
No meio do vaivém da vida,
Vim aqui deixar, esquecida,
A minha luta, o meu pesar.
Vim, para cultivar em mim,
Peranti Ti, no Teu altar,
A virtude de maior qualidade,
A nobre natureza da humildade.

Vim para absorver bênçãos,
Algumas que nunca supus
E só vêm de Ti, Jesus!
Vim aqui encher a minha alma e mente tão
humanas
Da simplicidade e majestade do Teu viver
Razão que a razão do homem profana...
Porque não consegue entender.

Tu, ó Lírio dos Vales,
Símbolo profundo,
Cujas raízes,
Abraçam os homens deste mundo,
Vem, nesta hora convidativa
Fazer-nos ascender à grande altura.
Ajuda-nos a encontrar o segredo da vida
Que aos poucos ilumina e transfigura.

Antônio Monteiro

Grupo ORIGENS

Ajuda Escola de Setúbal

LEONILDE DIAS

É com muita alegria que se assiste, muitas vezes, ao entusiasmo da Juventude Adventista do Sétimo Dia em Portugal na colaboração com o desenvolvimento da Obra do nosso Mestre, assim como na propagação do Evangelho.

E foi isso que se verificou mais uma vez no dia 14 de Dezembro na Igreja de Setúbal, com o lançamento do CD musical do Grupo ORIGENS. Contando ainda com a participação dos Grupos Bethelém, Génesis e African Voices, que com simpatia acederam ao convite do Grupo ORIGENS, o programa foi animado e mostrou mais uma vez não só a força da juventude, mas também a força de cantar Jesus. Mostrar quem Ele é, através da música, é um dos seus grandes objectivos. Com o João Parreirinha como autor e compositor, e ainda um grupo de vozes muito jovens na sua maioria, o sonho tornou-se realidade... Porque nada melhor do que conhecer Jesus e dá-l'O a conhecer.

Claro que tudo isto não passaria de mais um lançamento de um CD de música cristã, não fosse a maior percentagem do lucro das vendas deste trabalho reverter a favor da construção do novo Colégio Adventista de Setúbal. O terreno já existe há alguns anos (doado pela Câmara Municipal de Setúbal) mas as verbas para a construção ainda não são suficientes e está nas mãos de todos nós ajudar a desenvolver aquele projecto concretizando assim um sonho acalentado há vários anos pela Educação Adventista nesta cidade.

Se muitas vezes não falta vontade, mas falta saber como ajudar, ora aqui está uma óptima oportunidade de contribuir, pois ao som de uma bonita mensagem, com músicas verdadeiramente inspiradas, poderemos partilhar e ajudar um projecto tão especial e importante.

Brevemente estes CD's e cassetes chegarão também à sua Igreja! Não fique alheio a este projecto... Participe!



CARTAS

Este espaço continua à sua espera!

Revista ADVENTISTA

ÍNDICE

8 A Minha Amiga do Supermercado

Decido fazer um desvio até ao supermercado, para ver se alguém... quer ir tomar um gelado.

12 Ninguém Como João

Para o mundo... um homem comum. Mas, para Deus, foi o maior de todos os homens.

14 O Segredo da Vida Vitoriosa

A vitória consiste numa mudança de paradigmas espirituais.

21 O Salvador Bate à Tua Porta

...Abrir a porta, entrar, ceiar juntos...

24 O Fanático e o Liberal

O Que nos interessa acima de tudo, é o perfil do cristão genuíno.

Revista ADVENTISTA

ANO LVIII — Nº 609
FEVEREIRO 1998

Publicação Mensal

Órgão Oficial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia em Portugal

Director: Mário Brito

Corpo de Redacção: Mário Brito,
Maria Augusta Lopes, Ezequiel
Quintino

Programação Visual: Eunice
Ferreira, Raquel B. Monteiro

Proprietária e Editora:

Publicadora Atlântico, S.A.
R. Nossa Senhora da Piedade
Sabugo
2715 Almagem do Bispo

Preços:

Assinatura Anual 1.600\$00
Número Avulso 160\$00

Execução Gráfica:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho – Pedreiras
2480 Porto de Mós



DIAS E OFERTAS ESPECIAIS DO MÊS DE MARÇO

Dia das Visitas da Escola Sabatina –	21
Dia Internacional de Oração das Mulheres –	14

DEPARTAMENTO DE JOVENS

Semana de Oração de Jovens –	7-14
Dia da Juventude Adventista (SVA) – Oferta da Divisão –	14

OPERAÇÃO INTERCESSÃO - 1º TRIMESTRE 1998

1. Missão Global
2. Trabalho na União Moçambicana
População: 17.400.000
Igrejas: 768
Membros: 112.152
3. Pela Clínica “La Lignière” e pelo Hospital Walfriede (Berlim)

Clínica La Lignière

Suíça



Procura

Fisioterapeuta experiente

para tratar pacientes sofrendo de doenças neurológicas.

Exige-se técnica Bobath

Funções a iniciar em Set. - Out. 98 (negociável)

É essencial o conhecimento de francês.

Inserções e currículos a serem enviados para: *Direction de la Clinique
La Lignière — CH-1196 Gland — Suíça*

NO ESPÍRITO E NO PODER DE ELIAS



Malaquias 4:5; Mateus 11:14)

O profeta Elias viveu numa época em que Israel atravessava um período de profunda apostasia.

Do erário israelita saíam consideráveis somas para sustentar o culto a Baal.

O rei Acabe submetera-se incondicionalmente ao espírito dominador e implacável da sua mulher Jezabel.

Esta, além de ser estrangeira, não renunciara à sua devoção a Baal. O rei de Israel, fraco e idólatra, personificava perfeitamente a condição na qual se encontrava o seu povo.

Para além da profunda crise económica que minava Israel, por último, havia já mais de três anos consecutivos que do céu não caía pinga de água.

É neste contexto que a poderosa voz de Elias se faz ouvir.

O rei e os seus súbditos estavam a colher as consequências da sua apostasia. Havia contudo uma solução para o drama de Israel. Se abandonassem os seus pecados, Senhor não só perdoaria como também aliviaria as dramáticas consequências da fome e da seca, tanto físicas como espirituais.

No monte Carmelo defrontam-se as forças do bem e o mal numa batalha decisiva. As forças das trevas primiam e controlavam o povo que por si próprio não odia libertar-se. Só o poder da luz, personificado em Elias, podia soltar as cadeias com que o povo se encontrava aprisionado.

As poderosas orações de Elias não só trouxeram a derrota dos sacerdotes de Baal, como trouxeram também as tão ansiadas chuvas às sequiosas terras de Israel.

Nos períodos da mais negra treva espiritual, Deus suscita profetas que com energia e destemor se dirigem aos seus contemporâneos apelando ao arrependimento e ao retorno aos caminhos da vida. Assim aconteceu ao longo da história de Israel, assim tem acontecido ao longo da história da igreja cristã.

João Baptista, no espírito e poder de Elias, foi o último grande profeta enviado ao Israel apóstata anunciando o início de uma nova era.

Aquele para quem todos os símbolos, ritos e profecias apontavam estava já presente. Com Ele, uma nova fase no relacionamento de Deus com o Seu povo ia começar.

De que lado se iriam posicionar os ouvintes do Baptista? Esta era uma questão de vida ou de morte!

Segundo o profeta Malaquias “antes que viesse o dia grande e terrível do Senhor” Elias seria enviado. O próprio Senhor Jesus confirmou que João era o Elias que fora prometido.

Observando atentamente o grande afastamento das sociedades ditas cristãs dos princípios da Lei de Deus e a consequente degradação moral e espiritual, só poderemos esperar que brevemente o Senhor também envie mensageiros no poder de Elias e de João Baptista para, com as suas mensagens de advertência, prepararem a humanidade para a breve vinda de Cristo.

Certamente que o Senhor está a bater à nossa porta, desejoso de encontrar hoje instrumentos através dos quais as Suas advertências possam chegar a todos os cantos da terra.

De que lado estamos nós?

Porque não orar ao Senhor, prezado leitor, para que a sua vida e a sua voz possam testemunhar em favor da verdade como as vidas e as vozes de Elias e João Baptista o fizeram no passado?



**PR. MÁRIO BRITO
PRESIDENTE DA UNIÃO
PORTUGUESA DOS
ADVENTISTAS DO
SÉTIMO DIA**

Mário Brito

Vale a Pena o Amanhã?

RUY NAGEL

Há alguns dias atrás li um pensamento que dizia: “A nossa existência é a soma de dias que se chamam todos hoje... um único dia chama-se amanhã; aquele que não conhecemos ou quem sabe não conheceremos.”

Amanhã para nós seres humanos, é uma palavra revestida de expectativa e até certo ponto de incerteza. É isso que de vez em quando torna tão fascinante a espera do amanhã. Essa possibilidade não nos pertence a nós, mas sim apenas a Deus, o que pertence a nós, diz a Bíblia, é o dia de hoje. Todos os demais pertencem ao Senhor.

Caminhava outro dia pelos corredores do nosso Hospital Adventista de Belém, acompanhado do director. À nossa frente uma enfermeira conduzia uma maca. Alguém estava a ser levado ao Raio X. Naquele instante, disse-me o director: “Quem está a ir para o Raio X é um menino de mais ou menos 13 anos de idade. É filho de uma boa família. Estava a atravessar um rio com um grupo de companheiros e resolveram, a certa altura, tomar um banho. Todos se atiraram para um lado do barco e ele, como não conhecia o local, atirou-se para o lado oposto, onde não havia água suficiente, batendo com a cabeça no fundo.” Infelizmente, ali estava um rapaz de 13 anos tetraplégico.

Qual será o amanhã para um rapaz que fica tetraplégico? Que expectativas tem ele para o dia de amanhã?

Relembro aqui a morte da Princesa Diana. Senhora rica, famosa, destacada, boa posição social, mãe de um futuro rei de Inglaterra. Mas numa noite, saindo para um jantar, entrou no carro; momentos depois, um grave acidente envolveu todos os que estavam naquele carro. Para ela não houve um amanhã. Aquela noite de Sábado foi para ela a última

noite. Não teve o esperado Domingo.

Vale a pena o amanhã? Vem a pergunta para todos nós que acreditamos em Deus.

Começamos então a pensar que para uma vida sem Deus hoje, o amanhã não vale a pena. Essa é uma parte importante na nossa vida espiritual. Encontramos no livro de Mateus 6:34 o seguinte: “Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.” Não existe na Palavra de Deus nenhuma promessa para o dia de amanhã. Ele simplesmente pede que confiemos nEle e descansemos nos Seus braços de amor. Parece que a expectativa do amanhã, junto com a esperança, constitui a máquina que move o ser humano cada dia. É interessante que nessa esperança para o amanhã pensamos sempre que o amanhã será melhor.

Josué 3:5 faz uma afirmação: “Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará maravilhas no meio de vós.”

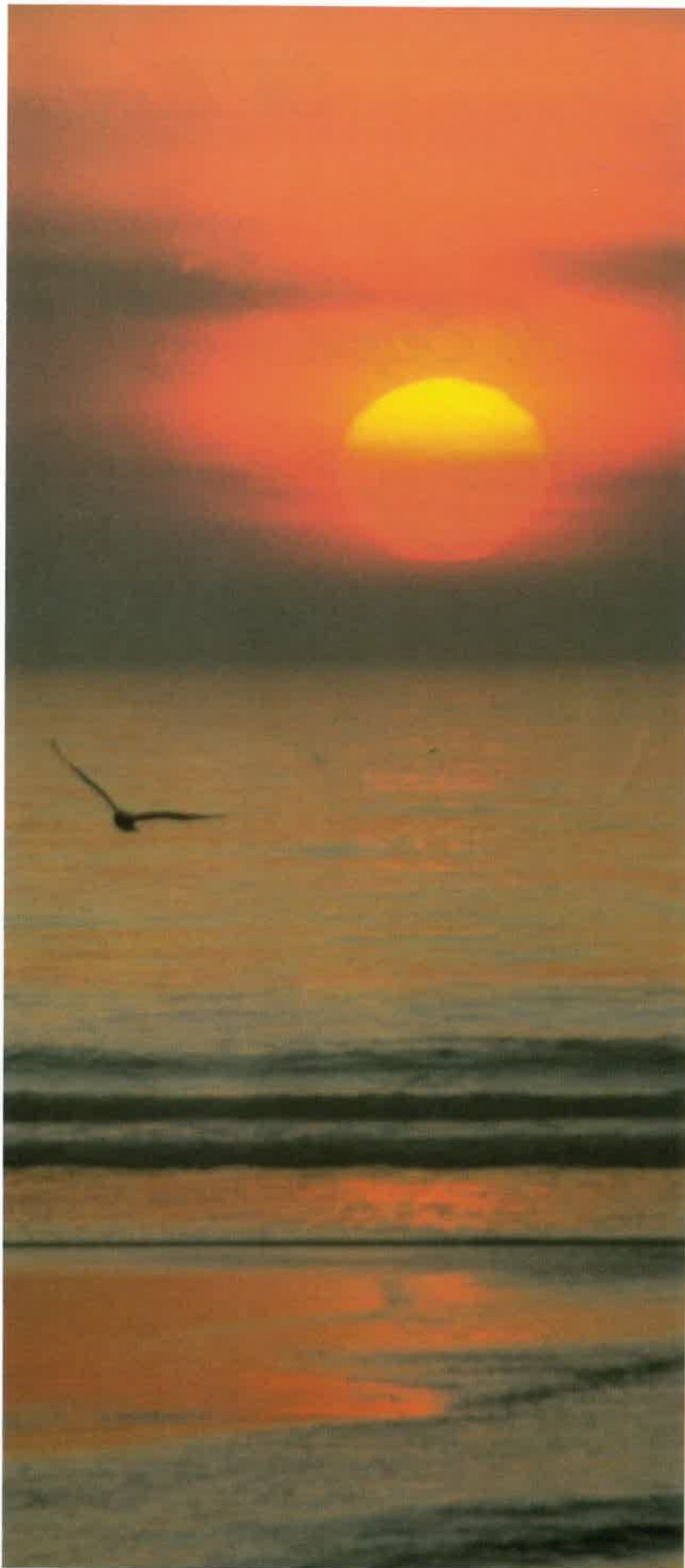
Santificai-vos hoje, porquê? “Porque amanhã o Senhor fará maravilhas no meio de vós.” Para que essas maravilhas sejam sentidas precisamos santificar-nos primeiro.

Vale a pena o amanhã? Vale, mas depende do hoje. Deus e a eternidade fazem valer a pena o dia de amanhã.

Se não, olhemos e contemplemos a vida do apóstolo Paulo quando ele se despede em II Tim. 4:6-8: “Tenho a certeza de que a coroa de justiça me está guardada para aquele dia.” Hoje havia um preparo, amanhã ele tem a certeza que a coroa da justiça que Cristo Jesus lhe dará.

Avaliando tudo isso, há três aspectos muito bonitos que temos para o dia de amanhã, e que dependem do hoje:

*Deus e a
eternidade fazem
valer o dia de
amanhã*



Primeiro, o nosso encontro com Jesus é face a face. Nada vai suplantar esse dia, nada suplantar essa alegria.

Um segundo facto glorioso na vida do cristão é aquele que encontramos no livro *Obreiros Evangélicos*, pág. 518: “Os remidos não-de encontrar e reconhecer aqueles cuja atenção encaminharam ao excelso Salvador. Que ditosas conversas não-de eles ter com essas almas!” Eu era pagão, em pagânicas terras. Tu deixaste o teu lar confortável e vieste ajudar-me a encontrar Jesus, e a crer nEle como único Deus verdadeiro. Destruí os meus ídolos e adorei a Deus, e agora vejo-O face a face. Estou salvo, eternamente salvo, para ver perpetuamente Aquele a quem eu amo. Então eu via-O apenas com os olhos da fé, mas agora vejo-O tal como Ele é. É-me dado agora exprimir Àquele que me amou, e me lavou dos pecados no Seu próprio sangue, a minha gratidão pela Sua redentora misericórdia.”

No Céu encontraremos amigos que nos dirão que estão lá porque os avisámos a respeito do caminho da salvação. Esta será para nós também uma alegria indizível.

E a terceira e grande alegria que encontraremos no Céu é o cumprimento da promessa de Apocalipse 21:4. Lá não haverá mais lágrimas. As lágrimas fazem parte da estrutura do desabafo do ser humano. Nas horas de tristeza e dor, as lágrimas correm e descem pela face. Mas a promessa de Deus é de que lá no Céu, na presença de Jesus, Deus “enxugará dos olhos toda a lágrima.”

Vale a pena o amanhã? Vale, se hoje nós nos encontrarmos com Cristo Jesus. ■

A Gladys faz as compras no mesmo supermercado que eu. Pequena e magra, caminha ligeiramente curvada. O seu cabelo é alvo como a neve e, sempre que nos encontramos, tem vestida uma bata com florzinhas vermelhas, ténis e um xaile sobre os ombros. Embora, por vezes, se esqueça de pôr a dentadura, tem sempre uma roseta de rouge cor-de-rosa em cada bochecha.

Sempre que a vejo, o seu carrinho leva duas laranjas, uma embalagem de café, pastilha elástica com sabor a uva, um pequeno pão de forma, geleia, e uma caixa de bolachas.

Tem um sorriso gentil e uma voz calma. Empurra o carrinho das compras pelo supermercado, sempre na esperança de travar conversa com alguém que esteja disposto a ouvir.

De cada vez que a vejo, acho-a sempre igual – solitária.

Olha-me com olhos tristes e vazios. Olhos que anseiam por companhia. Olhos que procuram um amigo. Olhos que contam da sua vida solitária numa casa cheia de móveis, mas onde apenas uma cadeira é usada. Numa casa que já vibrou com as vozes e actividades de uma família, mas onde agora só ecoa a televisão. Uma casa que já foi um lar.

Os seus filhos nunca a visitam. O marido já morreu. E os vizinhos não se dão ao trabalho de a visitar.

Gladys.

Tem muitas histórias sobre uma vida que já lá vai e que ninguém quer ouvir. Um coração que um dia foi cheio de amor mas que acabou por definhar e apenas espera a morte.

Penso muitas vezes nela, na minha amiga do supermercado. Tenho desejos de lhe dizer que quero ouvir as suas histórias. Que gostaria de ir com ela até ao parque. Quero sentar-me a seu lado e ver as suas fotografias, partilhar uma limonada, e alegrar os seus dias.

Mas não o faço.

Porque não sei como fazê-lo. Porque amanhã tenho um teste de contabilidade.

A Minha Amiga do Supermercado

STEPHANIE GULKE



O Rapaz-homem

Vejo um rapaz magricela no quarto ano, com olhos cor de chocolate e faces pálidas. O seu cabelo suplica por um corte. O seu estômago, pelo pequeno almoço.

Vejo como se esforça com a sua irmãzinha. Dá-lhe de comer e veste-a. Obriga-a a andar direita e a lavar os dentes. Ensinou-a a colorir dentro do desenho e a dizer “Por favor” e “Obrigada”. Lê-lhe histórias à noite, e treme de frio em Novembro para que ela possa estar aquecida na sua parka suja.

Vejo-o ser a mãe, e o pai. Porque eles não estão presentes. Porque tem de sobreviver. Porque só pode contar consigo.

Vejo-o arrastar a sua irmãzinha sonolenta até ao autocarro para chegarem a horas à escola. Vejo-o surripiar alguma coisa para o almoço, para que ela tenha que comer.

Vejo pessoas que conhecem este rapaz sisudo que vive as responsabilidades de um homem. Vejo pessoas que nada fazem, que viram a cabeça, que saltam para os seus Volvos e aceleram rua abaixo. Que reconhecem a sua coragem, a sua disciplina – e não o apoiam. Não ajudam. Não dão boleia para a escola, não dão o pequeno almoço, nem dinheiro para o almoço.

Não tenho pena daqueles que vejo sofrer todos os dias. Não meneio a cabeça e digo “Oh, que pena!”

Tenho pena de mim própria. Pena da nossa sociedade, que não ama aqueles que não são fáceis de amar.

Tenho pena de nós que não temos nem tempo nem desejo de andar

aquele quilómetro a mais. Aquele metro.

Sinto tristeza ao pensar que nos deixámos enredar de tal forma nas pequenas coisas do dia a dia, em nós próprios, nos nossos planos, que esquecemos aqueles que nada têm para oferecer mas que, ainda assim, são seres humanos. Aqueles que são significantes, que precisam de amor e companheirismo. Aqueles que, por não serem convenientes, foram negligenciados e ignorados.

Vejo a minha vida passar e a desejar, uma e outra vez, ter feito alguma coisa para ajudar.

entregar, porque preciso de limpar o meu quarto ou porque há uma reunião importante esta noite. Porque também não sei se eles me querem. Porque não quero que pensem que são o meu projecto de caridade.

Por isso, sento-me em silêncio, sentindo-me mal por dentro. Debatendo comigo própria se devo ou não convidar a Gladys para ir tomar um refresco comigo.

Debatendo se devo sacrificar o vestido cor de rosa e comprar, em vez disso, um casaco novo para o rapaz



ILUSTRAÇÃO FINICE FERREIRA

Mas não o faço.

Porque sou tímida, ou nervosa, ou envergonhada, ou egoísta. Porque tenho um trabalho de história para

dos olhos castanhos. Um trenó. Uma ida ao circo.

Coisas simples, na verdade.

Almoço solitário

Há um rapaz na cantina. Não sei o seu nome, mas já o vi outras vezes.

É grande e veste-se, digamos, de maneira diferente. Por vezes não cheira muito bem.

Senta-se sozinho e devora a comida.

Pergunto-me se não se sentirá mal, ali sentado sozinho, àquela mesa enorme. Come uma garfada depois da outra sem nunca levantar a cabeça.

Quererá ele, realmente, estar ali sozinho, ou desejaria estar rodeado por outros colegas?

Será que nunca olha à sua volta, para todas as caras sorridentes, e anseia por alguém que se sente à sua mesa, nem que seja uma vez só?

Pergunto-me se pensará na sua vida e se as lágrimas farão os seus olhos arder. Se sentirá um nó na garganta. Se terá de se esforçar para comer, ao pensar em tudo aquilo que desejava ser, mas não é. Ao pensar se as coisas alguma vez melhorarão. Se alguma vez será aceite, ou especial, ou até normal.

Vejo-o todos os dias. Por vezes tento captar o seu olhar, mas nunca consigo.

Quero sentar-me ao seu lado e perguntar qual o curso que quer seguir. Quero tornar-me sua amiga e convidá-lo a jogar connosco no fim-de-semana.

Mas não o faço.

E ele sai outra vez da cantina – sozinho.

Por vezes tento captar o seu olhar, mas nunca consigo.

Sento-me num torvelinho silencioso, perguntando-me se mais alguém terá notado, ou se preocupará, ou se chora de tristeza pelos infelizes. Os desgraçados. Os solitários.

Vejo uma mãe com os nervos tão esfarrapados quanto os seus cabelos. As crianças choram e os seus sacos de mercearia deslizam num carrinho de compras que lhe escapa em direcção a um BMW novinho em folha.

Percebo que precisa de ajuda. Tomo uma decisão rápida e corro para atrás do carrinho. Agarro-o e ajudo-a a arrumar as coisas no porta-bagagens do seu carro velho amarelo-banana. Faço caretas aos miúdos até ouvir as suas gargalhadas.

Sorriso e vou-me embora.

Foi uma coisa pequena, mas marcou uma diferença – para ela e para mim.

Sinto-me bem, verdadeiramente bem pela primeira vez de há muito tempo para cá.

Porque o meu coração abrandou.

Porque estou a engrandecer Deus, e a diminuir-me.

Porque fiz uma pequena coisa.

Porque quero. Porque preciso.

Decido fazer um desvio até ao supermercado para ver se alguém, numa bata com florzinhas vermelhas, quer ir tomar um gelado. ■





*Estão já dentro todas as crianças?
A noite vem, a noite em que o pecado
domina traiçoeiro pela rua fora,
buscando o incauto, o jovem descuidado,
prendendo-o nas suas teias sem demora.
Ó mães, fechem-lhe depressa a vossa porta
guardem ciosas as vossas crianças.
Estão já dentro todas as crianças?*

*Estão já dentro todas as crianças?
A noite vem, da morte a noite escura;
Jesus indica o meio da vitória:
“Vigia sempre, a tua fé segura!”
E quando enfim chegar o Rei em glória
E nas mansões celestiais entrarmos,
gozemos nós as bem-aventuranças
tendo lá dentro todas as crianças!*

Autor desconhecido (Adaptado)

Oh, sim, a noite apresenta-se cada vez mais escura! A tempestade aumenta de intensidade; os rios de lágrimas avolumam-se; o ruído da enxurrada de imoralidade começa a abafar o contínuo aviso da consciência cristã; a família e o lar estão em perigo – **estão já dentro todas as crianças?**

Não há nenhuma lá fora, a sofrer o impacto da tempestade? Estão os nossos filhos livres do álcool, do fumo, das drogas, das más companhias ou de um casamento infeliz?

Estão já dentro todas as crianças?

A infância sofreu dramáticas mudanças durante as duas últimas décadas. O lar mudou. Hoje, as mães trabalham fora de casa. Isto significa que as crianças têm mais independência e liberdade, com menos supervisão e menos relacionamento íntimo com os adultos. Quando os pais estão em casa, sentem-se frequentemente cansados e pressionados com o trabalho. Não há tempo para as agradáveis actividades em família que muitas crianças desfrutaram nas gerações anteriores. As famílias são mais pequenas. Muitas têm apenas um filho. O índice de divórcios cresceu. Um grande número de famílias muda-se todos os anos, e assim as crianças não têm a oportunidade de estabelecer relacionamentos mais duradouros.

As crianças mudaram. Elas amadurecem mais cedo. Devido à comunicação de massa, hoje elas estão cientes de muitas coisas reservadas aos adultos em tempos anteriores.

A sociedade mudou. Liberdade, permissividade – “vale tudo” – é a atitude prevalecente. Sem normas a criança sente-se perdida. A televisão é uma influência poderosa na vida das crianças: ela provê-lhes os heróis, persuade-as quanto ao que devem comprar, ensina-lhes as maneiras violentas de resolver os problemas, e encoraja-as a serem observadoras passivas da vida em vez de participantes activas.

A igreja precisa de reagir às necessidades das crianças hoje. Elas precisam de amor, segurança e aceitação. Não existe poder humano que possa competir com o amor de Deus, de modo a suprir a carência provocada por uma família sem amor. A segurança de pertencer à família de Deus provê uma criança insegura com algo em que possa firmar-se. Ela deve saber que existe alguém que se preocupa o suficiente para lhe ensinar a disciplina e o domínio-próprio. A igreja deve mostrar à criança o modo de Deus agir – os limites que Ele estabelece e a maneira como Ele ajuda no viver diário.

É objectivo do Departamento da Escola Sabatina Infantil: trabalhar juntamente com os pais, os professores e os membros da Igreja, para ajudarmos as crianças a encontrarem a resposta de Deus para as suas necessidades.

Uma criança levada a Cristo nunca poderá realmente esquecer-l’O.

Ninguém Como João

ABIMAE L FLORES LAGUNA

Alguma vez se perguntou quem é? Quanto vale? é inegável o valor intrínseco do homem. Numa apreciação errada, muitos avaliam-no pelo dinheiro que possui, pelos títulos acadêmicos conseguidos, pelo seu aspecto físico (elegância), pela família de que descende ou pelo cargo que ocupa. No entanto, para Deus, estes valores não são importantes; há valores e atributos que são de maior estima aos Seus olhos.

Num mundo tão difícil e complicado como é o de hoje, pode perder-se muito facilmente a identidade e o valor ao ponto de se chegar a ser um a mais na multidão.

Ao ler as Sagradas Escrituras, encontramos a história de um personagem muito especial, que chegou a ser, de “entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior”¹, segundo o nosso Senhor Jesus Cristo.

Não possuía riquezas, não lhe eram conhecidos títulos acadêmicos, a sua família não pertencia à realeza, não tinha sido indi-

trário; cresceu no deserto, as suas roupas eram tecidas de pêlos de camelo e a sua comida eram gafanhotos e mel.²



cado pelas autoridades do seu tempo para um cargo elevado, antes pelo con-

Para o mundo foi um personagem sem identidade, sem valor, um

homem comum. Mas, para Deus, foi o maior de todos os homens.

Jesus Cristo, ao descrever o valor de João Baptista, ao dar umas breves pinceladas da sua vida, expressou: “Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Baptista.”³ Que palavras tão impressionantes! Ninguém maior do que este. Em que nível seriam colocados os grandes personagens bíblicos? Vejamos alguns exemplos:

Noé, varão justo, perfeito, andou com Deus.⁴ Enoque, que andou mais de 300 anos com Deus e foi trasladado para o Céu sem conhecer a morte. Salomão, o homem mais sábio que existiu sobre a Terra. Moisés, o grande líder libertador. A grandeza do rei David, Elias, Eliseu, Abraão; todos eles colocados num nível inferior ao de Baptista.

Se os grandes homens da História, reconhecidos pelo mundo, tivessem ouvido as palavras de Jesus, qual teria sido a sua reacção?

Alberto Schweitzer, teólogo, músico, médico, doutorado nos três ramos. Arquimedes, com a sua teoria da gravidade e o parafuso. Nicolau Copérnico que disse que a Terra é um planeta que gira à volta do Sol e que este é o centro do Universo. Galileu Galilei, que descobriu o princípio do pêndulo e a queda dos corpos, independentemente do seu peso e, claro, o seu telescópio. Isaac Newton e a lei da gravidade, chamado pelo mundo científico: “o maior génio de todos os tempos”. Albert Einstein e a teoria da relatividade; John D. Rockefeller, que juntou, provavelmente, a maior fortuna da História (a sua fortuna cresceu a um ritmo de cem dólares por minuto).

Para o mundo são grandes personalidades, porque realizaram avanços incríveis, mas nenhum é colocado por Deus a um nível mais elevado do que o de João Baptista.

Maior de Todos

Em que consistia a sua grandeza? Porque é que ninguém é maior que ele? Que havia de excepcional neste homem? Será que Jesus proferiu tais palavras para ficar de bem com a família, uma vez que João era seu primo direito? Seria, por acaso, por gratidão por João ter preparado o caminho para a Sua chegada?

Impossível! Jesus nunca teria uma atitude semelhante. “João tinha, por natureza, as faltas e fraquezas comuns à humanidade, mas o toque do amor divino transformara-o. Habitava numa atmosfera não contaminada pelo egoísmo e pela ambição e muito acima do miasma do ciúme.”⁵

João Baptista possuía uma característica difícil de encontrar no ser humano: humildade. Uma virtude que engrandece os homens.

Jesus disse às pessoas: sim, vocês não o sabem, vou dizer-vos em que consiste a grandeza deste homem. É profeta, embora João tivesse dito que não o era,⁶ e “muito mais que profeta... entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Baptista”.

Quando perguntaram a João quem era, ele disse: não sou o Cristo, não sou profeta, nem sou Elias.

*No reino de Deus
não se obtêm
cargos por meio do
favoritismo*

Quem és? Com grande humildade, respondeu: “Eu sou a voz do que clama no deserto.”⁷

Não se orgulhou, não se exaltou, e muito menos se elogiou; outro qualquer poderia ter dito: tenho dinheiro, títulos escolares, beleza física, possuo cargos importantes.

Mas devemos recordar-nos que “Deus passa por alto aqueles que o mundo honra como grandes, talentosos e brilhantes. Com frequência são orgulhosos e presunçosos.”⁸ A grandeza de João estava na sua humildade: “É necessário que ele cresça e que eu diminua.”⁹, disse João numa altura em que Jesus ganhava muita popularidade.

Humildade

Os dicionários definem a palavra da seguinte maneira: “Virtude oposta à soberba, que nos dá o sentimento da fraqueza humana”.¹⁰

No reino de Deus não se obtêm cargos por meio do favoritismo; nem mesmo Tiago e João, os filhos do trovão, conseguiram algum. Deus não faz acepção de pessoas, nem Se esquece de falar bem dos que são dignos de elogios. Aquele que deu a sabedoria a Salomão e elogiou grandemente Baptista, está disposto a fazer o mesmo por nós, hoje.

A Bíblia di-lo claramente: “Deus resiste aos soberbos, dá, porém, graça aos humildes.”¹¹ Em vez de esperar receber honra, devemos ser humildes. Assim, temos de ocupar um lugar elevado entre os homens e seremos eleitos como pessoas humildes perante Deus.

Humildade é o sentimento oposto ao orgulho. Se queremos aspirar à grandeza e possuir grande valor, comecemos por cultivar esta virtude; é indispensável na vida do cristão.

Talvez não sejamos reconhecidos pelo mundo como grandes e importantes, os anais da História não nos recordarão... e depois?!

O importante é que Jesus diga de nós o que disse de João Baptista. Se queremos alcançar esse nível, devemos aprender a dizer como este grande homem: “É necessário que ele cresça e que eu diminua.”⁹ ■

1. Mat. 11:11

2. Mar. 1:6

3. Mat. 11:11

4. Gén. 6:9

5. Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, pág. 182

6. João 1:21

7. João 1:19-23

8. Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, pág. 595

9. João 3:30

10. José Pedro Machado, Grande Dicionário da Língua Portuguesa

11. Tiago 4:6

O Segredo da

ROBERT S. FOLKENBERG

*A vitória consiste
numa mudança
de paradigmas
espirituais.*

Quando Jesus falou com Nicodemos sobre o novo nascimento, tocou num ponto fundamental. Nenhuma religião de verniz, por mais atractiva que seja, focaliza esse aspecto. A fé genuína vai tão além da superfície, que Jesus falou de uma vida completamente nova, num novo nascimento.

Notemos como isso entra em conflito com os valores contemporâneos. Propala-se que o investigador de hoje tem em si um imenso potencial de energia à espera de libertação. Todos os tipos de sistemas prometem libertar o que está dentro de nós: o pensamento positivo, a meditação trascendental, a descoberta cósmica de si mesmo, o poder espiritual, a sabedoria horoscópica e um baú de técnicas psicológicas anunciadas tanto por pessoas de renome como por pessoas comuns.

No centro de tudo isso existe uma premissa tão antiga como o perigo escondido na árvore do Éden: a felicidade e o sucesso fluem de dentro de nós mesmos.

A Bíblia confirma o valor de cada pessoa com base num status cósmico conferido pelo Criador. A maneira como Deus nos vê foi confirmada pela presença de Jesus entre nós por meio de um imenso sacrifício. “Toda a boa dádiva e todo o Dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação” (Tia. 1:17). O que significa isso? O valor de uma pessoa é real, não residindo na pessoa em si, mas na maneira como Deus a avalia. É visto na maneira como Deus nos criou e no que Ele fez para nos resgatar, tanto no Éden quanto no Calvário. Somos criaturas de Deus, preciosas aos Seus olhos, e destinadas à herança do Seu reino.

A vida vitoriosa consiste só numa mudança de paradigmas espirituais, com o abandono de um serviço fundamentado em regras religiosas para a aceitação de uma nova caminhada em amor, infinitamente íntima e poderosa. O Espírito Santo entra nas câmaras recém-abertas do coração e ocupa a vida dos crentes submissos, assumindo o controlo. Desse modo, Jesus torna-Se Senhor.

A vida cristã difere muito de um comportamento baseado em submissão cega. Não mais condicionados a regras e obrigações intermináveis, a opiniões alheias, ou a um gráfico de auto-perdão, agora cami-

Vida Vitoriosa

nhamos de mãos dadas com Jesus. Ele é terno, mas infinitamente forte. Culpas antigas desvanecem-se ante a actuação da Sua graça. Em resposta ao nosso apelo, Ele entra para ser o dirigente da nossa vida, unindo-nos com a Sua própria justiça, a mesma que nos restaura para a comunhão com Ele.

Velhas batalhas perdem o seu ímpeto diante do poder de Cristo. Diariamente refrescado pela oração e pelo estudo da Bíblia, o crente desenvolve-se à semelhança de Cristo.

Procuremos captar o quadro: nós, criaturas das mãos divinas, fugitivos e alienados, agora de volta – não a uma harmonia superficial e sentimental, mas real, bem-vindos ao reino de Deus.

Jesus assegurou a Nicodemos que só isso pode conduzir à vida eterna. As velhas batalhas na malograda tentativa de nos tornarmos bons são coisas do passado. A guerra iniciada no Céu prossegue na Terra, mas sob o comando do Jesus triunfante.

Quer isso dizer que a tentação foi desactivada? Não, mas Alguém Se uniu a nós na

batalha, Alguém que enfrentou a guerra e venceu a tentação. À medida que permanecemos a Seu lado, somos vencedores.

A fragilidade humana continua em nós, e estamos ainda muito aquém do lugar onde deveríamos estar. Demos, porém, a Cristo a direcção da nossa vida, e a cada momento Ele

nos restaurará. Falhas podem surpreender-nos e propiciar a Satanás uma abertura para nos desencorajar. Nós, porém, não as aceitaremos como uma coisa normal, apresentando-as como desculpa, pois elas são normais. “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo, para nos per-

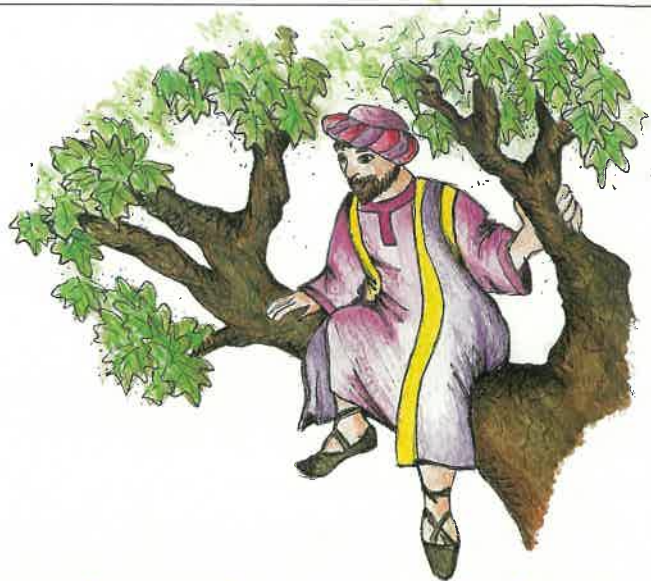
doar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.” (I João 1:9).

E será que o erro não enfraquece, de algum modo, o elo da aceitação de Cristo? No livro *Aos Pés de Cristo*, pág. 57, Ellen White vai directa ao ponto: “O carácter revela-se, não por boas ou más acções ocasionais, mas pela tendência das palavras e actos habituais.”

Qual é o rumo da nossa vida? Estamos nós em Cristo? Então, estamos a caminho de uma vida vitoriosa. ■



Procurando do Alto de uma Árvore



Viu que ali perto existia uma árvore, uma velha figueira brava, com os seus ramos estendidos sobre o caminho. E sem hesitar um instante, correu para se adiantar à multidão e subiu à árvore.

JOSÉ LUIS CASTILLO A.

“Aí vem!”, gritava a multidão enquanto esperava pelo personagem. Muitos aguardavam por este grande momento e juntaram-se ao grupo de espectadores.

Jesus de Nazaré entrava na cidade de Jericó. “A poucos quilómetros do Jordão, da banda ocidental do vale que se estendia a partir daí numa planície, ficava a cidade no meio de uma vegetação tropical, de uma beleza exuberante. Com as suas palmeiras e lindos jardins regados por fontes naturais.”¹

As crianças corriam ao seu encontro, outros traziam os seus doentes porque quem vinha a chegar tinha o poder de Deus. Quando falava, enchia de paz os corações e inquietava os sacerdotes, escribas e fariseus. Eram muitos os que O queriam ver de perto.

Esse era o caso de Zaqueu; homem de baixa estatura, cobrador de impostos, judeu, desprezado por ser duro e por extorquir dinheiro;

tinha, no entanto, dentro de si um coração nobre. Estava cansado da sua carga de pecados e não sabia o que fazer com ela.

Por isso, quando ouviu dizer que o Galileu estava para chegar, também foi a correr em direcção ao ajuntamento. Queria vê-l’O, tocar-Lhe, conversar com Ele. Mas a multidão era tão grande que o impossibilitava de olhar para Ele. Além disso, a sua estatura não o ajudava muito.

Jesus detinha-Se a cada momento. À Sua frente havia coxos, cegos, paralíticos, endemoninhados, pessoas que o povo desprezava. Mas Jesus tinha para cada um uma mensagem de esperança, uma promessa, um toque de saúde.

As pessoas de elevada posição social só se detinham para observar a procissão. Pelas suas roupas mostravam que eram os líderes do povo.

Mas Zaqueu esqueceu a sua posição de cobrador. Viu que ali

perto existia uma árvore, uma velha figueira brava, com os seus ramos estendidos sobre o caminho. E sem hesitar um instante, correu para se adiantar à multidão e subiu à árvore.

Em seguida, nem podia crer!, o grupo deteve-se justamente debaixo de si. Mas a sua surpresa foi ainda maior quando ouviu Jesus dizer-lhe: “Zaqueu, desce depressa, porque hoje preciso de ficar em tua casa”.²

Zaqueu sentiu que o tinham descoberto; de repente lembrou-se que era um homem importante, e que não devia estar encavalitado numa árvore.

Cristo observava-o; notou que as pessoas também o faziam e sentiu-se incomodado; pensou que Ele ia reprovar a sua atitude, mas isso não aconteceu. “Perante tal gesto de amizade, quase cai da árvore abaixo. Quando salta para o meio da multidão, que se afasta para deixá-lo passar, Jesus saúda-o como a um companheiro de toda a vida. Zaqueu pensa que está a sonhar. Ele, o desprezado, o maldito, o solitário, é aceito pelo grande Mestre e vai partilhar com ele o tecto e a mesa.”³

“Então Zaqueu pôs-se de pé e disse: ‘Escuta-me, Senhor! Vou dar aos pobres metade de todos os meus bens e às pessoas a quem prejudiquei vou dar-lhes quatro vezes mais’.”⁴

As seguintes palavras ficaram gravadas para sempre em Zaqueu: “Hoje entrou a salvação nesta casa”.⁵ Com elas deu-se conta de que tinha sido perdoado. Zaqueu compreendeu que tinha cometido um erro e deu metade das suas riquezas aos pobres e, aos que tinha roubado, deu quatro vezes mais do que o devido.

“Se nos custa repartir – o nosso dinheiro, o nosso tempo ou a nossa fé – é porque precisamos de um encontro que nos abra os olhos para os verdadeiros valores e para a profunda necessidade humana.”⁶

Tal como o Zaqueu da antiguidade, hoje pode pedir a Deus que transforme a sua vida. Não importa se à vista dos demais seja considerado o pior, alguém de quem ninguém gosta. Tem a possibilidade de “subir” à árvore, à velha figueira brava. Debaixo dela, Jesus Cristo passará para lhe pedir hospedagem e lhe dizer que “Hoje entrou a salvação nesta casa”. ■

1. Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, p. 595, Publicadora Atlântico, S.A., 1992

2. Lucas 19:5

3. Roberto Badenas, Encontros, págs. 123, 124, Publicadora Atlântico, S.A., 1992

4. Lucas 19:8

5. Lucas 19:9

6. Roberto Badenas, Encontros, pág. 125, Publicadora Atlântico, S.A., 1992

JOSÉ LUIS CASTILLO A.
PASTOR DA IGREJA DE MINATITLÁN, VER.



ILUSTRAÇÃO EUNICE FERREIRA

Tal como o Zaqueu da antiguidade, hoje pode pedir a Deus que transforme a sua vida. Não importa se à vista dos demais seja considerado o pior, alguém de quem ninguém gosta.

Históricas Reuniões Campais



Reuniões em tendas foram muito comuns durante o Movimento Millerita

ERNESTO FERREIRA

Reuniões em tendas foram muito comuns durante o Movimento Millerita, sobretudo entre os anos 1842-1844. Algumas dessas reuniões realizavam-se em cidades, vilas e aldeias; outras tinham lugar em pleno campo, com grandes tendas para a pregação e tendas mais pequenas para famílias ou grupos de participantes.

Algum tempo depois da organização da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em 1863, começou a ser ventilada a conveniência de se voltar a essa prática, não tanto para campanhas de evangelismo público ou sessões de Assembleias de Conferências (Associações), mas para grandes encontros de crentes reunidos com o fim de mutuamente se estimularem durante uns dias, em alegre camaradagem, a um reavivamento espiritual sob a condução de oradores nomeados para esse efeito.

Essas reuniões que passaram a denominar-se reuniões campais (camp meetings) ou congressos (como são chamados em Angola e Moçambique) congregavam durante alguns dias os membros das várias igrejas e grupos de um Distrito, Missão ou até de uma Conferência (Associação).

Para essas reuniões campais, geralmente realizadas antes do começo das chuvas, eram escolhidas zonas rurais

ou semi-rurais de fácil acesso, onde eram montadas tendas para os assistentes. As pregações eram feitas numa tenda mais ampla ou a maior parte das vezes numa clareira com uma tribuna protegida com ramos de árvores, em frente e ao redor da qual os assistentes se sentavam em bancos feitos de troncos de árvores ou de tábuas assentes sobre blocos de pedra.

As Primeiras Reuniões Campais

A primeira Reunião Campal realizada depois da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia teve lugar em Wright Co., Michigan, de 1 a 7 de Setembro de 1868. Havia 22 tendas, uma para o grupo de cada igreja além de duas grandes tendas para reuniões no caso de chover. Havia pregações de reavivamento para os membros de igreja e de evangelismo para os visitantes. Entre uns e outros, chegaram a estar presentes umas duas mil pessoas. Durante esses dias estava também patente um tosco stand, em que eram vendidos livros e folhetos.

A partir deste pequeno começo, as reuniões campais tornaram-se populares entre os Adventistas, não só na América do Norte mas um pouco por todo o Mundo,

incluindo a África, a Austrália e as Ilhas do Pacífico.

Com o andar do tempo alguns locais passaram a ter pavilhões permanentes para reuniões e outras actividades; cabines com luz e água canalizada; acomodações para atrelados e outras facilidades.

A Reunião Campal de Groveland

Era esperada uma extraordinária concorrência para a reunião campal – chamemos-lhe congresso – a realizar-se em Groveland, Massachussetts, a uns 45 quilómetros ao norte de Boston, de 24 a 28 de Agosto de 1876.

Os seus preparativos ficaram a cargo dos Pastores Stephen N. Haskell (1833-1922) e Asa T. Robinson (1850-1949).

Para o efeito foi escolhido um bosque de carvalhos e pinheiros. A

linha do Caminho de Ferro da Companhia de Boston e Maine passava num dos limites do bosque. O local também estava perto de um rio, de maneira que muitas pessoas podiam deslocar-se de barco durante os dias do Congresso.

Ao aproximar-se a data, o Pastor Haskell fez uma lista de concessões que iriam ser solicitadas à dita Companhia.

Com a lista, que ocupava duas grandes folhas de papel azul de 25 linhas, os dois pastores dirigiram-se ao Sr. Ferber, presidente da Companhia do Caminho de Ferro.

Entre as pretendidas concessões figuravam as seguintes:

1. Que dois vagões de carga transportassem gratuitamente o material necessário para o congresso, desde South Lancaster, Mass., a 60 quilómetros de distância, onde

estava a sede da Conferência, até ao local das reuniões.

2. Que, terminado o Congresso, o mesmo material fosse também levado gratuitamente para a estação de origem.
3. Que fossem concedidos bilhetes de graça para os obreiros.
4. Que, a partir de certa distância, fosse atribuído um desconto de 50% nos bilhetes de todos os participantes.
5. Que, além dos comboios que funcionavam regularmente tanto no Domingo como nos dias da semana, fossem organizadas composições extraordinárias de comboios.
6. Que se montasse uma plataforma ao lado da linha, para servir de apeadeiro.
7. Que fosse providenciada água canalizada para o local do acampamento.

A IGREJA NO MUNDO

Ministério Feminino na Rússia

Na libertada sociedade da Rússia moderna, Olga Pivovarova está na vanguarda do ministério público da Igreja Adventista. Residindo em Ekaterinburg, Pivovarova trabalhou como professora de História durante 25 anos e agora é uma evangelista da Conferência do Ural.

Desde 1995, Pivovarova realizou 14 campanhas de evangelismo público, através das quais foram baptizadas mais de 230 pessoas. Ela dirige a escola de evangelismo público da Conferência, que se ocupa do ensino de Classes Bíblicas em escolas públicas.

Pivovarova tem geralmente uma equipa de cinco jovens que a ajudam nas campanhas. Ela recorda uma série de reuniões evangelísticas efectuadas em Alapayevsk, pequena cidade de 45.000 habitantes. Não havia nenhuma igreja adventista na cidade. A equipa tinha distribuído impressos anunciando as reuniões.

Na noite em que deviam começar as reuniões, a equipa estava no salão, aguardando, mas não entrou ninguém. Poucos minutos antes da hora anunciada para a reunião, a equipa saiu e viu dois sacerdotes ortodoxos impedindo as pessoas de entrarem no edifício. “Excomungar-vos-emos se assistirdes a essas reuniões. Não permitimos isso”, disseram os sacerdotes.

Eventualmente, 30-40 pessoas arrostaram as consequências e foram ouvir a dissertação de Pivovarova. Durante sete dias os sacerdotes estiveram à porta, tentando impedir que as pessoas entrassem. Do pequeno número de pessoas que assistiram, 12 foram baptizadas. Entre os novos membros figurava a directora médica daquela área e o seu marido, que é um cirurgião. A nova administração da cidade dá agora um bom acolhimento aos Adventistas e a segunda série de reuniões evangelísticas de Pivovarova obteve grande êxito. - *Adventist News Network*.

Série Televisiva “Amazing Facts”

O ministério televisivo “Amazing Facts” (Factos Admiráveis) calcula que entre 5.000 e 7.000 pessoas foram baptizadas como resultado do seu seminário via satélite intitulado “Próximo Milénio”, transmitido o ano passado. Registaram-se mais de mil ligações à página da Internet dedicada a esta série, que também foi vista em igrejas e lares em 50 Estados, Canadá, Guam e Caribe. O seminário atraiu 130.000 observadores independentes, diz Debra Hicks, porta-voz de “Amazing Facts”. - *Adventist Review*.

Porque não pedem o Mundo Inteiro?

A princípio, o Sr. Ferber carregou o sobrolho, mas passado pouco tempo, à medida que a entrevista prosseguia, ia-se mostrando mais bem disposto, e finalmente tocou uma campainha para chamar um contínuo e ordenou: “Leve estes senhores ao gabinete da Gerência.”

Depois de ter lido a lista, o gerente olhou para os pastores e disse-lhes: “Senhores, porque é que não pedem o Mundo inteiro?”

Resposta pronta do Pastor Haskell: “Oh, pensámos que devíamos ser um pouco mais modestos.”

Mas a verdade é que – outros tempos! – os dois homens obtiveram tudo o que pretendiam, com excepção da plataforma que não foi construída tão grande como tinham pedido.

Os Dias do Congresso

Os barcos da carreira funcionavam duas vezes ao dia desde Haverhill, a 6 quilómetros de distância, e de hora a hora no Domingo. Cada dia 18 comboios carregavam e descarregavam passageiros no apeadeiro improvisado.

Um dos comboios de Domingo tinha 15 carruagens literalmente apinhadas de pessoas, que ocupavam todo o espaço disponível, incluindo os degraus. No dizer do revisor, teriam sido necessárias 25 carruagens para transportar todas as pessoas que pretendiam ter lugar.

O ponto alto do congresso foi o Domingo de manhã, quando Ellen G. White falou sobre a Temperança Cristã perante 20.000 pessoas – a maior multidão a que jamais ela falou de uma só vez.

Os assistentes ocupavam de pé todo o lugar disponível dentro do espaço do acampamento e alguns, como Zaqueu, subiam a árvores, para poderem ver a oradora. A vasta multidão prestava toda a atenção para não perder uma única palavra da Irmã White que, falando pausadamente e com voz clara, conseguiu fazer-se ouvir por todos.

Referindo-se a esta multidão reunida para a escutar, escreveu pouco depois Ellen White: “Para mim este foi o mais solene espectáculo que contemplei na minha vida.” ■

Bibliografia

Ella M. Robinson, S. N. Haskell - Man of Action. Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1967, pp. 33-35.
Arthur L. White, Ellen G. White, vol. 3. Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1984, pp. 45, 46.
Paul A. Gordon and James R. Nix, Laughter and Tears of the Pioneers. Silver Spring, MD: Adventist Historic Properties, Inc., 1989, pp. 9,10.

ERNESTO FERREIRA
DIRECTOR DA REVISTA
SINAIS DOS TEMPOS

A IGREJA EM ACÇÃO

NATAL AMIGO 97 EM TOMAR

MILÚ FERREIRA
PASTORA ESTAGIÁRIA

A Igreja de Pombal realizou, pela graça de Deus, a grande festa “Natal Amigo 97”, em prol das famílias mais carenciadas do Concelho.

Numa primeira fase, as responsáveis das Dorcas contactaram a directora da Segurança Social de Pombal, Dra. Teresa Silva, tendo-lhes sido fornecida uma lista com o nome de algumas famílias, que foram visitadas para averiguação das suas reais necessidades.

Seguidamente, contactaram-se mais de 50 empresas comerciais em Pombal, com uma resposta muito positiva em dádivas de dinheiro e bens.

A propósito deste programa, o Quinzenário Regionalista *O Eco Pombal*, de 5 de Janeiro, publicou a rubrica *À Mesa do Café, de Don Carlos*, da qual transcrevemos um excerto:

“Domingo, 28 de Dezembro

Uma tarde de chuva e frio. Sob a porta do prédio onde moro, alguém tinha lançado uma pequena folha de papel, um impresso, anunciando um Concerto de Natal, um programa de cânticos e binos.

Ainda me encontrando numa fase da crise que me tem limitado a actividade normal e alguma deslocação, besitei, reli o esboço do programa, encantou-me a sua simplicidade, achei nele uma espécie de mensagem. E de bengala numa mão e guarda-chuva na outra, fui até ao novo Auditório Municipal de Pombal. E valeu a pena!

Cerca de três dezenas de cantores, elementos do “Coral Adventus” de Vila Nova de Gaia, encheram a sala com um belo, harmonioso, emocio-

nante conjunto de cânticos sobre o tema do Natal.

Belas as canções, desde o “Vinde e Adorai” até ao “Shalom”, desde “Vencendo Com Jesus” e no fim, juntaram-se os cantores todos para nos oferecer, como “chave d’ouro”, “Glória, Glória, Halleluia!” Houve até vozes da assistência que se juntaram às do “Coral Adventus”, não resistindo ao entusiasmo que do palco se espalhava ao auditório! Que, apesar do mau tempo, estava mais que cheio.

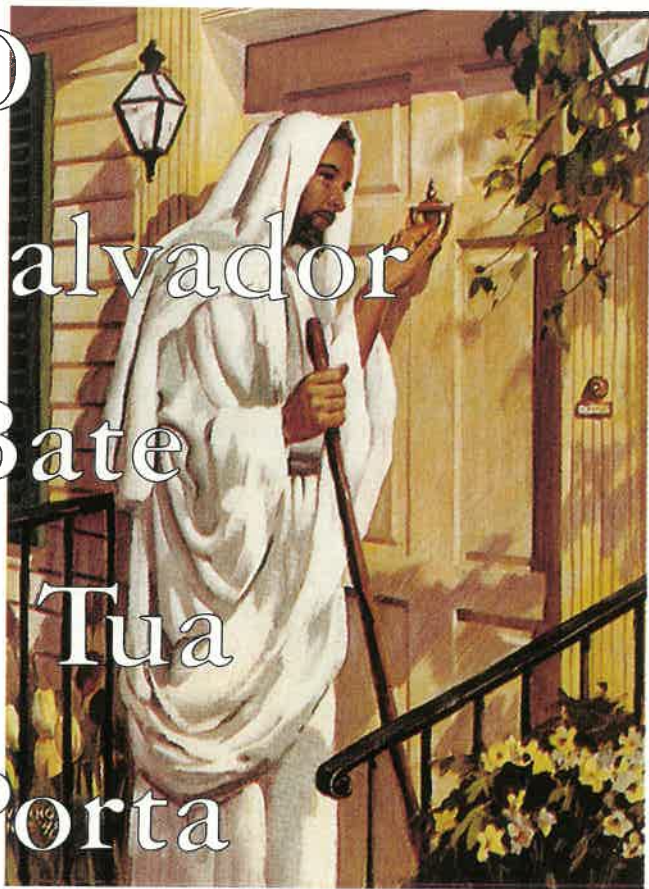
Apesar de outros compromissos na sua agenda, o Presidente da Câmara, Narciso Mota, também assistiu ao concerto. Em breve resposta ao voto de agradecimento dos organizadores do espectáculo, pelas facilidades e apoio da Câmara à sua realização no novo Auditório Municipal, referiu-se Narciso Mota ‘à obra social que a Igreja Adventista tem realizado no nosso Concelho, pelo que sempre poderia contar com o seu apoio. Havia pelo menos um objectivo em comum: o bem-estar de todos os Pombalenses!’

A Assistência Social Adventista faz parte da Igreja Adventista do 7º Dia.

A cuja acção já nos referimos neste jornal e noutros da Imprensa Regional, nomeadamente em reportagens sobre a campanha anti-tabagismo que há poucos anos se realizou nesta cidade, à qual também a Câmara Municipal deu o seu apoio.”



O Salvador Bate à Tua Porta



A Terra treme; as massas agitam-se; os espíritos perturbam-se e as almas interrogam-se e perguntam “donde nos virá o socorro?” (Sal. 121:1). Para os que crêem e escutam, a resposta não demora: Aquietai-vos, e sabeis que EU SOU DEUS; serei exaltado entre as nações serei exaltado na Terra” (Sal. 46:10).

Dizíamos que as almas se perturbam. É evidente que é no campo religioso em que a confusão se instalou, que esses conflitos geram maiores perturbações.

Alguém me perguntou um dia: “Que te parece? Qual é a tragédia da religião?”

“É que há religiões a mais e Cristianismo a menos!”, respondi.

Certo autor esforçou-se para encontrar um título para a sua obra. Como homem cristão que é, inspirou-se na Bíblia, e deu ao seu livro este título: *Apocalipse Agora!* Nele cita a experiência de alguém que, falando da situação do mundo, o assemelha a um grande transatlântico, em vias de se afundar, em pleno alto-

-mar. E cita: “O Secretário da Organização do Tratado do Atlântico Norte, chamado Paulo Henry Spaak, num apelo dramático perante o Congresso, disse: “Não queremos mais uma Comissão; já temos demasiadas comissões. O QUE QUEREMOS AGORA É UM HOMEM COM A ESTATURA SUFICIENTE para conquistar a lealdade das pessoas e tirar-nos desse LAMAÇAL EM QUE NOS ESTAMOS A AFUNDAR.

“Que apareça esse homem, seja ele deus ou o diabo, nós o receberemos”.¹

“Antes do nascimento de Jesus”, diz E. De Pressensé na sua obra *Vie de Jésus Christ*, “em vésperas de um grande acontecimento religioso, estranhos sentimentos agitam as almas. Foi assim na Judeia. Na decadência da sua antiga glória, a esperança da vinda do Messias causava, por toda a parte, uma singular agitação, pois para a grande maioria da Nação, a religião não era mais do que uma ciência árida...”²

E agora, quando Jesus Cristo promete voltar em breve, e em que “todo o olho o verá”³, quais são os sentimentos dos habitantes do mundo, e o que dizem as suas religiões? E, se as mesmas causas, nas mesmas circunstâncias, produzem os mesmos efeitos, perguntamos: Não acontece hoje como nos dias do nascimento do Messias, há dois mil anos, em que “a religião não era mais do que uma ciência árida...”?

Ficámos impressionados quando há tempo lemos, num artigo da conhecida revista Time, a declaração de um Senador americano, feita no Congresso dos EUA, acerca do que ocorre de oculto no mundo. Disse ele: “Verdadeiramente, o mundo parece estar a mobilizar-se para a grande batalha do Armagedon. Agora chegou o ponto crítico da milenar guerra entre Deus e o Diabo, por causa das almas dos homens!” Não sei, mas provavelmente quem escreveu isto terá lido a Bíblia em Apocalipse 12:12: “Ai dos habitantes na terra e no mar; porque o Diabo desceu a vós e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo”.

“Eis que Estou à Porta e Bato!...”

“O inimigo hoje compra almas a preço bem baixo. ‘Por nada fostes vendidos’ (Isa. 52:3), é a linguagem das Escrituras”.⁴

Conclusivo é o propósito do Pastor R. Belz ao narrar as suas diversas ilustrações sobre o valor da alma humana, e termina com o incisivo capítulo “Quando Tudo Falha, Experimenta Jesus!”⁵

O convite aí está: O Salvador bate à tua porta!

Jesus Cristo apresenta-Se neste texto do Apocalipse sob a figura de um caminhante que bate à nossa porta solicitando hospitalidade. Através dos séculos, pelos caminhos das dispensações da História, Cristo apresenta-Se **BATENDO À PORTA DE CADA HOMEM, INDIVIDUALMENTE...** Abrir a porta, entrar, ceiar juntos... são outras tantas imagens profundas de uma parábola singular.

Assim, por um lado, ilustra-se a solicitude amorosa e suplicante de Cristo, pelo homem.

Por outro lado, a vontade humana, que é: permitir ou não, a participação de Deus na intimidade do ser que criou, o Homem, a Mulher.

À porta da nossa vontade. A esta, Ele só bate. Ela representa o penetrável, ou o impenetrável das nossas vidas. O tocar e o bater é a acção da Sua **MÃO FERIDA NO CALVÁRIO!**

Aí está, pois, o Coração dos corações, solicitando. E, não obstante “conhecer Ele como conhece, o coração de todos os filhos dos homens”⁶, apesar de saber da sua atitude e carácter defeituoso, Ele ama tanto as Suas almas, que Se humilha ao ponto de solicitar-lhes o privilégio de as abençoar!⁷

E como bate Deus?

Pela Sua Palavra. Pelas Suas providências. Pela voz de um amigo. Pela dor e pelo sofrimento, e pelas experiências ocorridas com outros. Também pelos acontecimentos

mundiais, a que já se convencionou chamar apocalípticos. Cristo está a bater. É o momento da oportunidade que pode não voltar mais!

“Se Alguém Ouvir a Minha Voz e Abrir a Porta...”

A iniciativa parte de Deus. É falso o conceito de admitir o inverso. Ele diz: “Meu filho, onde estás?” “Ouvi a Tua voz soar no jardim e temi”⁸ O melhor foi fugir.

*Alguns
até ouvem,
e recusam-se
a identificar
quem fala.*

Mas tudo depende: fugir de quê ou fugir para quê? Para Deus, porém, só resta uma pergunta: **FUGIR PARA ONDE?** No seu Salmo 139, o seu autor disserta sobre “Deus na consciência”. Ele revela no seu maravilhoso poema, uma descoberta que a princípio o alarmou, e que resume em quatro partes distintas:

“Senhor! Tu tudo vês!”⁹

“Tu me vês em toda a parte!”¹⁰

“Tu me viste e me verás sempre!”¹¹

“Vê, pois, se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno!”¹²

O Céu aguarda “sempre” a resposta. Até que?... Há uma conjugação condicional “SE”, da parte de Deus, e o “OUVIR” e o “ABRIR”, da parte do homem. “SE ALGUÉM OUVIR A MINHA VOZ E ABRIR...”. Alguns até ouvem, e recusam-se a identificar quem fala¹³. Eva, no Jardim, também não percebeu. Hoje há outros jardins, disfarces e imitações de vozes. Longo seria

citá-los. Deixamos os textos como referência: I Tim. 4:1, 2; II Tim. 4:1-4; II Pedro 3:16, 17.

Extremando os Campos

É a nós, Igreja de Laodiceia, a quem a **TESTEMUNHA FIEL E VERDADEIRA** Se dirige, como a última das sete desta dispensação¹⁴, pois Ele é “O ÁMEN”. Ele espera que, quando Lhe abirmos a porta e O deixarmos entrar,

possa ouvir também os nossos “améns”, sim “ora vem, Senhor Jesus!”

“Cearei com Ele e Ele Comigo!...”

Que expressão, que quadro tocante! Amigo com amigo, participando da alegria e da refeição! Mente com mente, e franca e íntima conversação! E que cena festiva deve ser

aquela em que o Rei da Glória é um Hóspede!

“Cristo a Bater à Porta... Quem Tem Ouvidos Ouça o que o Espírito Diz”, nesta hora terminal a Laodiceia. Já passaram cem anos (1987-1997) desde que o redactor da *Review and Herald* escreveu o seu livro *Daniel e Apocalipse* (original *Daniel and Revelation*), recomendado por E. G. White na dita revista a 16 de Fevereiro de 1905. Escrevia então Urias Smith:

“CRISTO BATENDO À PORTA:

“Aqui está o coração dos corações. Não obstante a sua atitude ofensiva e carácter defeituoso, Ele ama tanto as suas almas que Se humilha até solicitar-lhes o privilégio de as abençoar... Porque bate? Não é com receio de ficar na rua. Dentro das moradas da Casa do Seu Pai, nem uma única está fechada para Si. Ele é a Vida de todos os corações, a Luz de todos os olhos, o Cântico de todos os lábios, na Glória.

“Mas anda de porta em porta, em Laodiceia. Está junto de cada um e bate, porque veio procurar e salvar o que se tinha perdido, e porque não pode abandonar o propósito de comunicar vida eterna a todos os que o Pai Lhe deu. Porque não pode tornar-Se conhecido do morador a não ser que se abra a porta e Lhe seja dado acolhimento.”

Compraste um campo?



Compraste cinco juntas de bois? Estás com o chapéu na mão, a pedir desculpas? É a hora do culto na Igreja; há oportunidade de fazer uma visita cristã a um indivíduo ou a uma família, mas não te mexes... **ELE BATE E TORNA A BATER...**

O SENHOR DA GLÓRIA DEIXA O SEU PALÁCIO CELESTE – vem em pobreza, com suor de sangue – vem à porta de um professo amigo que Lhe deve tudo e não pode entrar! Vem salvar um homem cuja casa está a arder, e não O querem admitir!...

“...Se Alguém Ouvir a Minha Voz...”

Embora esteja à porta, e bata, e suplique até que os Seus cabelos se

humedeçam com o orvalho da noite, alguns fecharão os ouvidos aos Seus carinhosos rogos!...¹⁵ ■

1. William R. Goetz, *Apocalipse Agora!*
2. E. De Pressensé, *Vie de Jésus Christ*, II Vol. p. 1, Paris, 20 Octobre, 1866.
3. Apoc. 1:7
4. E. G. White, *Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 28
5. R. Belz, *Quando a Tua Alma for Avaliada*, Casa Publicadora Brasileira, S. Paulo
6. I Cron. 28:9
7. João 4:7, 10, 14
8. Gén. 3:9
9. ver. 1-6
10. ver. 7-12
11. ver. 13-18
12. ver. 23, 24
13. João 10:10
14. Apoc. 3:14
15. *As Profecias do Apocalipse*, p. 59, 60, Publicadora Atlântico, Lda., Pr. Ilha do Faial, 1-B, Lisboa.

**PEDRO BRITO RIBEIRO
PASTOR REFORMADO**

O FANÁTICO

RUBENS LESSA

Estes dois tipos são bem conhecidos. O primeiro é marcado por um zelo sem entendimento; o segundo, por opiniões avançadas e liberais. Eles nunca se dão, mas conseguem o mesmo resultado: a destruição da vida espiritual da igreja. São descritos por Ellen White da seguinte maneira:

“Muitos são fanáticos. São consumidos por um ardente zelo, o qual é tomado por religião... Outros vão ao outro extremo na sua conformidade com o mundo.”¹

No dia a dia da igreja, deparamos com esses personagens. Eles promovem muito barulho, mas o resultado é “como metal que soa ou como o sino que tine”.²

Há alguns anos, participávamos numa solene reunião administrativa, nos Estados Unidos. Os membros daquela comissão estavam a analisar o ministério de determinado obreiro, que tinha sido indicado para dirigir um departamento importante, na Igreja. “Não concordo com a indicação dessa pessoa, porque a sua pregação é liberal”, bradou alguém. O facto é que, alguns anos depois, se viu o resultado: o pregador não tinha nada de liberal; ao contrário, o seu ministério tem levado milhares de pessoas a entender a mensagem maravilhosa da justificação pela fé. Já o zeloso defensor da “essência da verdade”, não foi muito longe: ao lidar com as várias situações da vida da Igreja, optou por uma linha dura que só produziu aleijões, contrapondo-se ao espírito que deve caracterizar os seguidores de Cristo.

Antes de tentarmos esboçar o perfil do fanático e do liberal, seria interessante registar o que o Espírito de Profecia diz sobre Jesus, o nosso modelo: “O Salvador

nunca foi a extremos, nunca perdeu o domínio de Si mesmo, nunca violou as leis do bom gosto. Sabia quando convinha falar, e quando guardar silêncio. Estava sempre na posse de Si mesmo. Nunca errou no ajuizar os homens ou a verdade.”³

O Fanático

O perfil desse personagem é complexo. Às vezes, dá a impressão de idoneidade e circunspeção. Quando se refere à mensagem, passa aos incautos a imagem de inusitado desvelo pelas normas da igreja. Tem inclinação natural para exacerbar problemas. Exagera os valores, e pensa sempre sozinho. Não pensa em parceria com o Espírito Santo. As suas ideias constituem a sua medida. Ele, em síntese, é a medida. Ele, em síntese, é a medida de tudo e de todos. Além disso, é implacável na avaliação dos faltosos. Mas a sua principal característica é a estreiteza de visão. Nunca dá atenção ao conjunto. Estriba-se num pontinho qualquer e faz disso a sua causa, pela qual luta com unhas e dentes. Se quiser conhecer o lado real de um fanático, vá à casa dele com certa frequência. Em pouco tempo ele será desmascarado. A sua piedade é apenas uma capa.

Ellen White escreveu muito sobre o fanatismo. O fanático deixa-se levar por momentos de entusiasmo. Aceita ou desenvolve ideias sensacionalistas. Gosta de marcar datas e prever acontecimentos sombrios. Chega a anunciar pragas para os que não aceitam as suas ideias.

Hoje em dia, o fanático confunde-se com o legalista. Exigente e estrito, cobra tudo de todos e impõe a si mesmo um rosário de formalidades inúteis.

O LIBERAL

O perfil desse personagem é um guarda-chuva que inclui fanatismo pela reforma da saúde, fanatismo pelos tratamentos naturais, fanatismo pela observância exterior das normas da igreja, fanatismo pela pontualidade, fanatismo pela “boa música”, etc.. Evidentemente que precisamos de promover a reforma da saúde, de usar os remédios da Natureza, de observar as normas da igreja, de pautar a nossa vida pela ordem e pontualidade e de ouvir cantar músicas que promovem o nosso desenvolvimento espiritual. O fanático, no entanto, não vai ao cerne das coisas. Fica apenas na superfície, no aspecto mecânico. O importante para ele não é a mudança de carácter, mas a conformação com a letra do sistema que ele defende.

O fanático é um desastre para a igreja. Ai dos que caem nas suas mãos! Ao pregar, faz da sua “mensagem” um chicote. Ao defender uma norma, não demonstra interesse pela pessoa faltosa. Numa comissão, só mostra interesse pela reputação e imagem da igreja. Gente não importa. A sua causa é salvar as aparências. Jesus chamou “sepulcros caiados” a esse tipo de pessoas.

O fanático ou legalista não visita ninguém com o propósito de ajudar. Se vai à casa de uma ovelha errante, o seu único objectivo é ir buscar informações para depois a incriminar. Nas reuniões do conselho da igreja, não muda de opinião. Por sinal, já chega ali com o seu voto no bolso. Sente-se feliz por ajudar a igreja a livrar-se de um incómodo.

Enfim, o fanático não vê Cristo na mensagem, não percebe o amor, não estende o braço de misericórdia, não sabe conjugar os verbos *salvar* e *recuperar*. O seu

verbo favorito é *expurgar*. Na verdade, o fanático não frui a religião; sofre-a.

O Liberal

Para o liberal, o campo é o mundo. Nada de restrições, normas e regras. Toda a vez que ouve um sermão sobre santificação, parece dizer: “Já vem com religião comportamental.” Tem alergia a princípios e normas. A marca da sua religião é “tolerância sem compromisso”. O que importa, diz, é o que está no coração. “O meu vestuário e a minha aparência não contam, e sim o que está no meu íntimo”, afirma aos quatro ventos.

O liberal, à semelhança do fanático, pensa sozinho. Só que está mais interessado em liberdades. Não entende que liberdade é fazer o que convém, e liberdades são caprichos fora da ordem. O liberal é, ao mesmo tempo, promotor e símbolo do mundanismo na igreja.

Gosta da doutrina da justificação pela fé sem nenhuma relação com a santificação do carácter. Gosta de falar sobre o que Cristo *faz por* nós e odeia ouvir sobre o que Ele deseja *fazer em* nós. Gosta de saber que Cristo nos livra da culpa do pecado, mas abomina ouvir que Ele deseja livrar-nos do domínio do pecado.

Através dos séculos, a Igreja tem sido fustigada por esses dois personagens: o fanático e o liberal. O primeiro, torna o caminho mais estreito do que na verdade é; o segundo alarga-o generosamente. Eles estão em pólos

opostos, mas têm um ponto em comum: pensam sozinhos, pois não admitem parceria com o Espírito Santo.

O Cristão

O que nos interessa, acima de tudo, é o perfil do cristão genuíno. “Os que seguem o exemplo de Cristo não serão extremistas.”⁴

O evangelho produz pessoas sensatas, cujo perfil é um carácter segundo o modelo: Jesus. O que é, pois, um cristão?

1. *Uma pessoa justificada, livre da condenação.*⁵ Pela fé aceita o que Jesus fez em seu favor na cruz do Calvário.
2. *Uma pessoa santificada pela presença de Cristo na sua vida.* “Assim que, se alguém está em Cristo, nova

criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.”⁶ Pelo poder divino, a sua vida é posta em harmonia com a verdade. Os princípios e as normas da igreja fazem parte da sua vida interior, reflectindo-se no vestir, no falar, no comer, no agir. A conduta cristã é fruto de uma transformação espiritual. Nada de atitudes permissivas, liberais.

3. *Uma pessoa cheia de amor, bondade, alegria e domínio próprio.*⁷ Nada de atitudes impositivas, ditatoriais.
4. *Uma pessoa cuja vida se desenvolve, em todos os aspectos, para a “glória de Deus”,*⁸ Não se concentra em si mesma.
5. *Uma pessoa de visão equilibrada.* Usa de sensatez ao ajuizar os homens e a verdade. A sua medida é Cristo, o parâmetro supremo.

Peçamos a Deus que nos ajude a desenvolver uma vida equilibrada, uma visão cristocêntrica da santificação do carácter. Submetamo-nos à influência modeladora do Espírito Santo, para que a nossa conduta reflecta os encantos da ética cristã. Agindo assim, expurgaremos do nosso coração todo o extremismo, e a atmosfera das nossas igrejas tornar-se-á doce e aprazível. Um ninho de amor e justiça. ■

1. Testemunhos Selectos, vol. I, págs. 169 e 170
2. I Cor. 13:1
3. Obreiros Evangélicos, pag. 317
4. Idem
5. Rom. 5:1; 8:1
6. II Cor. 5:17
7. Gál. 5:22
8. I Cor. 10:31



– Avô, como será a Nova Terra?

– Não te posso dizer como será exactamente, porque é difícil descrever algo que nunca vimos ou vivemos. A Bíblia diz que será a Terra restaurada, ou seja, um lugar de onde Deus

retirou todos os defeitos e imperfeições causados pelo pecado. O apóstolo João faz uma descrição apresentando-a como uma cidade de luz, com abundância de pedras e metais preciosos, com um rio de água pura, a árvore da vida, etc.

– Lá não temos de estudar nem de trabalhar, pois não?

– Pelo contrário. O profeta Isaías diz que lá vamos construir casas (e isso implica desenhar, fazer planos, fabricar materiais, mobilar, etc) e semear, tocar instrumentos, etc. A diferença entre agora e depois é que tudo isso será feito com prazer e sem cansaço.

Além disso, haverá muitas coisas novas para admirarmos e compreendermos. Muitos objectivos a atingir.

– E vamos lembrar-nos do que aconteceu na Terra?

– Só das coisas boas que Deus fez por nós.

– E quais são as outras diferenças entre estar no Céu e na Terra?

– Não haverá sofrimento, doenças ou morte. O amor e a simpatia que Deus colocou no ser humano e que agora praticamente não existem, será exercido plenamente no Céu. Não haverá famílias destroçadas. Ninguém estará só, triste ou desamparado.

– E Jesus estará connosco lá?

– Sim, cumprir-se-á a promessa de Jesus: «Para que onde eu estiver, estejais vós também». Teremos o privilégio de viver ao lado de Deus e de Jesus.

– Que bom que vai ser!

– Vai ser bom, sem dúvida. Mas eu quero dizer-te que o cristão pode ser feliz já aqui e hoje. Jesus disse: «Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei», e o facto de Jesus viver connosco, no nosso coração, dar-nos-á uma felicidade extraordinária, será um antegoço do Céu.

E mais, o cristão que faz planos para estar para sem-

pre com Cristo no Céu vai viver a sua vida de modo mais cuidado e exercerá uma influência muito mais construtiva na sociedade, (o que também contribuirá para a sua felicidade), do que a pessoa que pensa que nasce, vive, morre e mais nada.

O que devemos reter sobre o Céu é que aí todas as coisas mostram que **Deus é amor. FIM**



Não percas a partir do próximo número, “As Histórias da Avozinha”

O Grande Conflito

ELLEN G. WHITE

*Nova edição
de «O
Grande
Conflito»*

Já à Venda

Ao longo deste livro existe passado, presente e futuro. O passado ajuda a perceber o que de estranho está a acontecer na actualidade e a aceitar como de realização inevitável as profecias do futuro.

Sim, nas páginas de «O Grande Conflito», encontrará as respostas para as suas inúmeras dúvidas sobre o desfecho da História do Mundo. Mas encontrará algo melhor ainda: a certeza de que Alguém com um poder infinito conduz todas as coisas e nos proporcionará, em breve, a paz que tanto ansiamos.

Leia-o antes que o Conflito acabe.

Encomende já os seus livros na Sociedade Missionária ou directamente à

Publicadora Atlântico, S.A.

Rua N.ª. S.ª da Piedade

Sabugo

2715 Almargem do Bispo

Tel.: (01) 962 62 00

